

Teologia das Religiões 2

**Denise Pereira
(Organizadora)**

Denise Pereira
(Organizadora)

Teologia das Religiões 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T314	Teologia das religiões 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Teologia das Religiões; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-386-6 DOI 10.22533/at.ed.866190706 1. Religião. 2. Teologia – Estudo e ensino. I. Pereira, Denise. II.Série CDD 200.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A teologia das religiões vem ganhando destaque na contemporaneidade. Deste modo a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem dá os primeiros passos acadêmicos nos estudos teológicos, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate teológico das e sobre as religiões, quais seriam os caminhos mais adequados para nos situarmos. Os diversos autores investigam as questões mais prementes e que nos tocam mais de perto, tendo em vista a diversidade de contextos eclesiais e acadêmicos em que cada pessoa ou grupo está envolvido.

E se propõem a mostrar o que pesquisadores da religião, de diferentes áreas: teologia, sociologia, história e antropologia, ao analisarem o que diferentes confissões e partes do mundo, estão dizendo a respeito do tema.

Desde o século XIX, a teologia das religiões tem desafiado a cientistas da religião, a observarem os encontros e o desencontros do cristianismo com as demais religiões.

A perspectiva pluralista das religiões interpela fortemente o mundo atual e, particularmente, o contexto teológico latino-americano, especialmente pela sua vocação libertadora e pelos desafios que advém de sua composição cultural fortemente marcada por diferenças religiosas que se interpenetram nas mais diferentes formas. A Teologia Latino-Americana da Libertação, dentre os seus muitos desafios, tem elaborado uma consistente reflexão sobre os desafios do pluralismo religioso.

Sendo assim, “Teologia das Religiões” é uma abordagem impactante, por vezes, controverso e até mesmo conflitivo, os autores consideram que apresentar um leque de diferentes autores e perspectivas seria uma contribuição significativa e relevante.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DESPEDIDA DA METAFÍSICA E O CRESCIMENTO DOS SEM RELIGIÃO	
Omar Lucas Perrout Fortes de Sales Clóvis Ecco	
DOI 10.22533/at.ed.8661907061	
CAPÍTULO 2	8
CATOLICISMO E OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES : O EMBATE ENTRE A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A HERMENÊUTICA DA CONTINUIDADE NO CATOLICISMO ROMANO E BRASILEIRO	
Alfredo Moreira da Silva Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.8661907062	
CAPÍTULO 3	21
A BÍBLIA HEBRAICA NA TRADIÇÃO RABÍNICA: UMA ABORDAGEM ACERCA DA LITERATURA JUDAICA	
Daniela Susana Segre Guertzenstein	
DOI 10.22533/at.ed.8661907063	
CAPÍTULO 4	35
A COMUNICAÇÃO E AS DIFERENÇAS CULTURAIS PERCEBIDAS: LENTES PARA COMPREENDER OS ENCONTROS ENTRE JESUS, A MULHER SAMARITANA E OS BRASILEIROS	
Marcelo Eduardo da Costa Dias	
DOI 10.22533/at.ed.8661907064	
CAPÍTULO 5	46
A IMANÊNCIA E A TRANSCENDÊNCIA NA OBRA DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA	
Marcos Benaia Oliveira Ferreira Maria Aparecida Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.8661907065	
CAPÍTULO 6	52
A LEI DE PAULO E O “VÍCIO FORMAL”: A UNIVERSALIZAÇÃO PAULINA E A IMPESSOALIDADE DA CRENÇA COMO BASES PARA A RACIONALIDADE OCIDENTAL	
Giuliano Martins Massi	
DOI 10.22533/at.ed.8661907066	
CAPÍTULO 7	60
A PERSPECTIVA RELIGIOSA DE ADOLESCENTES INFRATORES DA GRANDE BELÉM	
Weslley Cardoso de Sousa Jessica Rocha de Souza Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.8661907067	
CAPÍTULO 8	73
A REFORMA PROTESTANTE ONTEM E HOJE	
Mayumi Busi	
DOI 10.22533/at.ed.8661907068	

CAPÍTULO 9	82
A UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS POR LÍDERES RELIGIOSOS E A PERCEPÇÃO DE SEUS SEGUIDORES VIRTUAIS	
Peter Michael Alves Rodrigues Ramos Edvaldo Leal Filho	
DOI 10.22533/at.ed.8661907069	
CAPÍTULO 10	94
A VISIBILIDADE MIDIÁTICA E A PÓS MODERNIDADE AS RELIGIÕES E AS REDES SOCIAIS	
Maria Neusa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.86619070610	
CAPÍTULO 11	105
ANA PAULA VALADÃO: POLÊMICAS MIDIÁTICAS NA RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E GÊNERO	
Miriã Joyce de Souza Sales Capra	
DOI 10.22533/at.ed.86619070611	
CAPÍTULO 12	116
CATOLICISMO POPULAR: A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO MUNICÍPIO DE MONTE DO CARMO-TOCANTINS	
Valdir Aquino Zitzke	
DOI 10.22533/at.ed.86619070612	
CAPÍTULO 13	128
FESTA DE SANT'ANA: UMA CULTURA COMO CRENÇA NA CIDADE DE PONTA GROSSA – PR	
Denise Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.86619070613	
CAPÍTULO 14	138
CELEBRAR PARA VENCER: RELIGIOSIDADE NO FUTEBOL	
Osvaldo Fiorato Junior	
DOI 10.22533/at.ed.86619070614	
CAPÍTULO 15	152
CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUTONOMIA CORPORAL DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO PRISMA JURÍDICO-RELIGIOSO DA REPÚBLICA MUÇULMANA DO IRÃO*	
Paulo Adroir Magalhães Martins	
DOI 10.22533/at.ed.86619070615	
CAPÍTULO 16	160
CONTRA A “MÁ IMPRENSA” A “BOA IMPRENSA”: PERIÓDICOS A SERVIÇO DA IGREJA CATÓLICA	
Andressa Paula	
DOI 10.22533/at.ed.86619070616	
CAPÍTULO 17	171
DE MORNENSE A SÃO PAULO: A EDUCAÇÃO CATÓLICA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA E A CRIAÇÃO DO COLÉGIO DE SANTA INÊS (1908-1934)	
Julia Rany Campos Uzun	
DOI 10.22533/at.ed.86619070617	

CAPÍTULO 18	182
DO QUE RIEM OS PENTECOSTAIS?: REFLEXÕES SOBRE OS NOVOS HUMORISTAS GOSPELS NA GRANDE REDE	
Wesley Silva Bandeira	
DOI 10.22533/at.ed.86619070618	
CAPÍTULO 19	193
IDENTIDADE ESPÍRITA NO BRASIL E EM PORTUGAL: UMA COMPARAÇÃO INSTITUCIONAL	
Jose Pedro Simões Neto	
DOI 10.22533/at.ed.86619070619	
CAPÍTULO 20	212
JUSTIÇA TOMISTA NO SÉCULO XXI?	
Moacir Ferreira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.86619070620	
CAPÍTULO 21	218
LO RELIGIOSO COMO ORDEN SOCIAL Y COMO EXPERIENCIA SUBJETIVA. CONSIDERACIONES ONTOGENÉTICAS	
Manuel Martínez Herrera	
DOI 10.22533/at.ed.86619070621	
CAPÍTULO 22	232
O TARÔ E A PRÁTICA ORACULAR NA ERA DA MEDIATEZADAÇÃO ESPIRITUAL	
Kelma Amabile Mazziero de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.86619070622	
CAPÍTULO 23	244
OS ITINERÁRIOS DA EDUCAÇÃO CATÓLICA NO TOCANTINS: 1904 A 1988	
César Evangelista Fernandes Bressanin	
Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.86619070623	
CAPÍTULO 24	254
ROLO DE GRAVURA (<i>PICTURE ROLL</i>) E A ESTRATÉGIA ADVENTISTA DE EVANGELIZAÇÃO INFANTIL E GLOBAL ENTRE 1915 E 1999	
Elder Hosokawa	
Cleyton Ribeiro de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.86619070624	
CAPÍTULO 25	268
SANTOS, ÍNDIOS E MALANDROS NO CULTO DE MARIA LIONZA	
Daniela Calvo	
DOI 10.22533/at.ed.86619070625	
CAPÍTULO 26	281
UM CANDEEIRO DE SOFIA: O CASO DA IGREJA RASTAFÁRI E SEU LÍDER, RAS GERALDINHO	
Osvaldo Fiorato Junior	
DOI 10.22533/at.ed.86619070626	

CAPÍTULO 27 290

“POBRES ENTRE OS POBRES, MARGINALIZADOS ENTRE OS MARGINALIZADOS, OS ELEITOS DE DEUS”: MESSIANISMO E POBREZA ENTRE OS ISRAELITAS DA NOVA ALIANÇA NA AMÉRICA LATINA

[Lucía Eufemia Meneses Lucumí](#)

DOI 10.22533/at.ed.86619070627

SPBRE OS ORGANIZADORES 314

CATOLICISMO POPULAR: A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO MUNICÍPIO DE MONTE DO CARMO-TOCANTINS

Valdir Aquino Zitzke

Universidade Federal do Tocantins – Curso de Geografia

Porto Nacional – Tocantins

RESUMO: Entre as diversas formas de viver concretamente o catolicismo, está o catolicismo popular e suas expressões, trazido ao Brasil através dos portugueses pobres e se estabelece principalmente nas zonas rurais, marcado pela sua porosidade em função da relação entre os índios destribalizados, os colonos pobres, os ex-escravos e todos os tipos de mestiços. O elemento central da vivência popular do catolicismo é o santo, cuja concepção popular vai além da noção pregada pela Igreja. Em Monte do Carmo, Tocantins, a Festa do Divino Espírito Santo é uma destas vivências e manifestações ritualísticas e simbólicas no espaço sagrado da cidade, construído no entorno na Igreja Nossa Senhora do Carmo. O objetivo desta pesquisa é evidenciar o quanto o catolicismo clerical se utiliza das manifestações populares para manter seu poder territorial e seus devotos. Definimos a pesquisa participante em todos os momentos da organização da festa como estratégia metodológica como forma de permitir a interação com todos os atores envolvidos. Através da Festa o catolicismo, seja como uma experiência com o sagrado ou através do

simbolismo místico, se expressa ou se objetiva pelo que foi experimentado e vivido pelos fieis e devotos. A Festa é uma das diversas celebrações que a população cultiva anualmente e que simbolizam espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e da vida cotidiana que mantém fortes traços de africanidade e este é um aspecto que nos atraiu nessa manifestação religiosa, pois não se perderam no tempo, mas adquiriam novos significados locais.

PALAVRAS-CHAVE: Catolicismo Popular, Festas Religiosas, Divino Espírito Santo.

ABSTRACT: Among the various forms of concrete Catholicism, there is popular Catholicism and its expressions, brought to Brazil through the poor Portuguese and established mainly in rural areas, marked by its porosity in relation to the relationship between the detribalized Indians, the poor settlers, the ex-slaves and all kinds of mestizos. The central element of the popular experience of Catholicism is the saint, whose popular conception goes beyond the notion preached by the Church. In Monte do Carmo, Tocantins, the Party of the Divine Holy Spirit is one of these ritualistic and symbolic experiences and manifestations in the sacred space of the city, built around the Nossa Senhora do Carmo Church. The purpose of this article is to understand the construction of the

sacred space from the Party and its multiple dimensions. We define participant research in all moments of the party organization as a methodological strategy and as a way to allow interaction with all the actors involved. Throughout the Party, Catholicism, either as an experience with the sacred or through mystical symbolism, expresses itself or is objectified by what has been experienced and lived by believers and devotees. The Party is one of the many celebrations that the population cultivates annually and that symbolize spiritually the experience of the work, the religiosity, the entertainment and the daily life that maintains strong traits of africanity and this is an aspect that attracted us in this religious manifestation, since it does not lost in time, but acquired new local meanings.

KEYWORDS: Popular Catholicism, Religious Parties, Sacred Space.

INTRODUÇÃO

No Brasil, considerado o país com a maior população católica em termos globais, os fenômenos religiosos exibem contornos variados, porém vinculados ao subjetivo, imaginário e imaterial, provendo o que o mundo profano não é capaz de prover.

Neste sentido, Azevedo (1966) dividiu o catolicismo em quatro vertentes, sendo a primeira denominada de formal (praticado conforme as normas eclesiais), a segunda de tradicional (identificado, mas não praticado), a terceira de cultural (independe de dogma ou conduta) e a quarta de popular (vinculado às comunidades rurais tradicionais).

Independente do olhar antropológico, sociológico ou histórico, religião e sociedade se mesclam em torno da cultura, uma vez que ela organiza, explica e determina a natureza e as relações entre seres humanos e a divindade, ou seja, a religião é apenas uma dimensão da cultura. Aqui, neste estudo, sobressai a cultura popular que, quando revestida de sacralidade, transforma tradição em fé, e festa em devoção.

A cultura popular, de acordo com Santos (2008), não prescinde de mediações, como as normas, a lei ou os costumes e uma festa ou festejo se constitui numa das vias no estabelecimento de mediações da humanidade. A festa é uma forma de recuperar a imanência entre o criador e as criaturas, a natureza e a cultura, a vida e a morte, e isso se dá através da música, da alimentação, da dança, dos mitos e das máscaras.

No município de Monte do Carmo, no Tocantins, a Festa do Divino Espírito Santo é uma destas vivências e manifestações da cultura popular, com forte conteúdo ritualístico e simbólico que acontece no espaço sagrado da cidade, construído no entorno na Igreja Nossa Senhora do Carmo.

Na geografia as festas religiosas populares são constituídas no campo da Geografia Cultural no sentido de se estabelecer, entre outras propostas, a geograficidade das manifestações religiosas e culturais (RAMOS e MASSOQUIM, 2013). A proposta deste artigo é compreender a importância da festa do Divino Espírito Santo em Monte do Carmo, no estado do Tocantins, como um fato social que se projeta nas manifestações culturais tradicionais, indispensáveis para se conhecer os elementos

culturais presentes na festa e identificar qual a sua função enquanto atividade cultural e socioeconômica no município.

Festas Religiosas Populares e Geografia

As festas religiosas populares e tradicionais proporcionam diferentes momentos que vão da alegria pessoal ao êxtase coletivo, do momento de agradecimento à realização da promessa, e da integração da fé e da devoção na celebração ritual.

Como manifestação da fé, a festa promove a integração da população rural no espaço sagrado urbano, permitindo as trocas simbólicas entre cultura popular e religião, originando as hibridações das manifestações tradicionais rurais que convidam o público “da cidade” para os festejos.

Para o povo da roça, sair dela e ir para a cidade, significam sair de um mundo de relações camponesas específicas, muitas vezes indesejadas e, para sobreviver sem perdas na rede de trocas e de significados, criou as danças, os versos e os gestos (BRANDÃO, 1981).

Concomitante ao processo de colonização surgiu no Brasil uma nova forma de manifestação cultural religiosa quando o catolicismo português combinou-se aos rituais religiosos africanos e indígenas. Com a perspectiva de “catequizar” os indígenas, a Igreja permitiu o surgimento e o enraizamento de práticas populares como, por exemplo, vinculando um santo católico às festas populares realizadas pelos escravos e índios com a intenção de apropriar-se da manifestação como elemento evangelizador.

Como as empreitadas católicas não eram suficientes para atender a todos os povoados e comunidades que se desenvolviam no interior do Brasil Central, instituíam-se rotas que, ao serem percorridas, marcavam os momentos de festejos por onde passavam os grupos de padres e freiras fazendo as desobrigas (uma vez por ano, realizavam-se casamentos, batizados e demais ritos católicos na localidade), “purificando” e “livrando do pecado” os povoados, até a próxima visita no ano seguinte, quando o processo se repetia (NASCIMENTO, 2002).

A essa prática do catolicismo, Queiroz (1968) denominou “catolicismo rústico”, conceito este que representava as hibridações, de acordo com Canclini (2006), entre os elementos da cultura portuguesa com os das culturas indígena e negra em povoados e comunidades quase totalmente isolados e que deram condições ao surgimento das tradições do homem do campo.

Considerando a Geografia enquanto estudo dos processos de transformação do ambiente na busca da melhoria das condições de vida dos grupos sociais, podemos discutir as festas religiosas populares no contexto da dinâmica da paisagem. A paisagem geográfica ou cultural deriva da ação humana, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural. Para Santos (1985), a sociedade é entendida como totalidade social e, desse modo, é preciso ir além dos aspectos visíveis e da aparência para que se

compreenda a produção espacial.

Se aceita a idéia de que uma paisagem congrega cultura e natureza, como afirma Sauer (1998, p.9), “a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural”. A cultura é “o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado” (SAUER, 1998, p.9) e, a partir disso, ao analisarmos as festas religiosas populares e examinarmos o comportamento da sociedade por elas assistidas, entende-se que há prazer em suas manifestações, o que confirma a existência de sentimento (RAMOS e MASSOQUIM, 2013).

A população de Monte do Carmo, por residir num município de pequeno porte e com poucos recursos e agentes para fins empregatícios, pertence na sua maioria, à classe trabalhadora. As atividades econômicas e sociais locais são desenvolvidas no setor primário, pelos agricultores de soja, pelos agricultores familiares e criadores, no setor terciário por comerciantes locais e funcionários públicos. São estes atores que, por estarem abertas ao lazer, que organizam e estruturam as manifestações populares religiosas e que trazem consigo um caráter ideológico, pois a comemoração é um ato de manter algo que ficou na memória coletiva.

A festa do Divino Espírito Santo de Monte do Carmo acontece em locais públicos, e, assim como todas as festas, se constitui no reflexo do ser humano que busca respostas para a sua precariedade na vida, confirmando as palavras de por Ikeda e Pellegrini (2008, p. 207), “as festas populares são constituídas como um dos variados elementos que compõem a dimensão simbólica produzida e também reproduzida com base nas relações e materialidades do espaço geográfico”.

Os lugares onde as festas acontecem são simbólicos e repletos de significados e significantes, mas não são simplesmente fundados ou construídos, mas, ao contrário, de acordo com Rosendahl (2003), são reivindicados, possuídos e operados pela comunidade. Mas, para Norton (2000 apud TERRA 2010, p. 13), “os grupos culturais podem afirmar sua identidade ao lugar, intencionalmente ou não, de modo que o lugar tenha uma identidade simbólica, sendo escolhido, em detrimento de outros, para a prática da festa”.

As festas trazem consigo características próprias que conformam o espaço, transformando-o num lugar exclusivo que, ao ser humanizado, torna-se diferente do restante, exigindo, para isso, que ali sejam realizados ritos ou gestos que sejam suficientes para tal.

Território e Lugar Sagrado

As abordagens que tratam dos espaços de vivência, de experiência e de representação, sobretudo, as simbólicas, ganharam corpo teórico na geografia nos últimos anos.

Em termos de entendimento teórico, Gil Filho (2008, p.28) afirma que “o resgate

do sagrado é a tentativa de encontrar o âmago da experiência religiosa”, originando uma união direta entre o ser religioso e sua prática (RAMOS e MASSOQUIM, 2013) concluindo que essa idéia de sagrado entendido como forma de conhecimento de mundo e se constitui numa alternativa à razão como uma via interpretativa do significado da uma dada realidade (RAMOS e MASSOQUIM, 2013).

Aqui, localizamos o sagrado entre a racionalidade dos materiais simbólicos e a irracionalidade do sentimento religioso, sendo que o rito garante essa ambivalência presente na prática do sagrado. O rito é posto no centro da concepção do sagrado e torna-se o próprio evento do princípio hierofânico (RAMOS e MASSOQUIM, 2013). Completando essa ideia, Rosendahl (2002, p.27) afirma “o ser humano, ao aceitar a hierofania, experimenta um sentimento religioso em relação ao objeto sagrado [...] uma disponibilidade ao divino”.

O sagrado existe para quem dele participa e dele experimenta, pois ele só se realiza na sua qualidade de fenômeno religioso quando conectado a um momento religioso, e isso só é possível quando ocorre a inserção do indivíduo nessa realidade (RAMOS e MASSOQUIM, 2013). A partir desse entendimento é aceitável sugerir uma abordagem onde é possível perceber o surgimento de uma dualidade na construção do espaço em sua acepção hierofânica: a partir da vivência religiosa, de um lado, constrói-se um espaço sagrado carregado de sentimentos religiosos e hierofanias e, em oposição a ele, em seu entorno, opera-se um espaço profano. Neste espaço sagrado que Rosendahl (1997) vai estabelecer dois elementos: o ponto fixo (sagrado) e o seu entorno (profano).

Para Ramos e Massouquim (2013, p.05), as festas religiosas populares, de cunho católico, “promovem a ocorrência dessa dupla espacialidade que se amalgama em determinados contextos espaciais e temporais”. Nestas festas, seguindo a proposta de Eliade (1998), o espaço sagrado se estabelece na reprodução da hierofania primordial que o sacraliza. Para Ramos e Massouquim (2013, p.05), essa ocorrência “dá-se nos objetos ou nas pessoas, e de certa forma, a hierofania é vivenciada por meio de uma separação entre o espaço sagrado e aquele designado por profano - o entorno”.

Para estas autoras, o espaço da festa se traduz na convergência e na coexistência de múltiplos significados produzidos pelo ser religioso ao passo que para Eliade (1999), o tempo litúrgico representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar em um passado mítico. A vivência das pessoas, devotas ou não, na festa lhes proporciona um afastamento, mesmo que momentâneo, do tempo e do espaço profano e a inserção nas dimensões que designam os sentidos míticos sagrados (RAMOS e MASSOQUIM, 2013). O ordenamento do tempo e do espaço sagrados permitem as continuidades dos espaços profanos, uma vez que a principal função social de uma festa é a de espaço organizativo das coletividades.

Religião e Festa em Monte do Carmo

Para Bourdieu (1998), a religião contribui para o pensamento e estruturação da percepção do mundo social, e seu desenvolvimento liga-se ao desenvolvimento da cidade, numa oposição entre cidade e campo, urbano e rural, clerical e popular.

Nesse sentido, temos várias interpretações dos bens simbólicos religiosos, que geram conflitos no campo religioso, bem como reinterpretações dos atores neste cenário da festa. Brandão (1981) reconhece que em todos os setores de produção, circulação e consumo de símbolos e significados religiosos, estabelecem-se relações de poder entre indivíduos e grupos sociais, dentro e fora do espaço sagrado e dos rituais da festa.

Entre os promotores da festa - prefeito, autoridades municipais, comerciantes, padre e festeiros - são celebrados acordos, por vezes em meio a conflitos, pelo direito de uso de caráter profano da festa sagrada e pela distribuição do poder de controle da organização da festa.

A instituição Igreja mantém o controle dos fiéis e dos sacerdotes para que não haja ruptura e perda do privilégio de ator principal da festa. A contribuição da Igreja está em instituir uma ordem lógica (e não mítica) para a sustentação da ordem simbólica, associando a ordem política, transformando o absoluto em relativo e legitimando o arbitrário, ao educar para uma “lógica religiosa” e perpetuando as relações básicas da ordem social.

A Festa do Divino Espírito Santo, em Monte do Carmo, Tocantins, é uma das diversas festas populares associadas ao catolicismo rústico que acontecem no interior do Brasil. Na festa observamos a existência dessa forma de catolicismo rústico, que se caracteriza, como formas de religiosidade populares católicas desenvolvidas em comunidades rurais que vivem numa economia de subsistência e baseadas em festas coletivas, danças e rezas, sem a participação de representantes oficiais da Igreja e com forte apelo ao culto de santos e padroeiros (QUEIROZ, 1968).

Esta forma de catolicismo nasceu de acordo com Monteiro (1974), de duas situações que se complementam: de um lado as atribuições que a Igreja emprestou aos leigos e, de outro, em resposta a esta autonomia em relação ao catolicismo oficial, que pode ser observado nas práticas mágico-religiosas curativas e na tradição das festas dos padroeiros locais que tornavam dispensável a presença dos representantes eclesiais para que os cultos se realizassem. Esse catolicismo volta-se para a vida na roça onde, mesmo sem a interferência da Igreja, nasce e se mantém uma relação direta com o sagrado que consola, cura e provê. Brandão (1981, p. 149), afirma que “a lógica do religioso popular reconstrói, com os mitos de origem, a própria legitimidade do estatuto sagrado das danças para o santo”.

Em Monte do Carmo a festa do Divino Espírito Santo acontece no interior do

evento conhecido popularmente como “Festejos do Carmo”, que acontece no mês de julho, mantendo a tradição das desobrigas. Estes “Festejos”, como são popularmente chamados, constitui-se da Festa da Padroeira da cidade, Nossa Senhora do Carmo, seguida pela festa do Divino Espírito Santo, popularmente denominada de festa dos “brancos” e, na sequência, da Festa de Nossa Senhora do Rosário, a “festa dos negros”.

De acordo com os moradores, a junção das três festas ocorreu devido às grandes dificuldades de locomoção dos moradores da zona rural para a cidade associado à falta de padres para as celebrações num período histórico momento que o município ficou desassistida religiosamente, pois não tinha a presença de padres de forma permanente. Nessa época, os padres só podiam cumprir com os trabalhos de acompanhar os festejos religiosos nos meses de dezembro, janeiro, fevereiro e julho. Por isso, passou-se a festejar Nossa Senhora do Carmo, Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário no mês de julho. Essa junção, de acordo com os moradores, aconteceu há pelo menos 80 anos, tendo como principal objetivo oferecer uma maior comodidade de locomoção dos festeiros e também para garantir a participação de um maior número de pessoas.

Estes Festejos eram organizados pela população rural que se dirigia ao núcleo urbano do município, onde se localiza a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, para os festejos, transformando o seu entorno, pelos seus ritos, ritmos, cantos, ladainhas e gestos de devoção e fé, num território sagrado. Ao longo do tempo estes festejos se transformaram num acontecimento urbano, dominado por interesses e conflitos tanto das instituições católicas como políticas, que veem na tradição do catolicismo rústico um investimento turístico de alta rentabilidade para a região.

São os moradores da cidade que centralizam as operações da organização da Festa, controlada pelo Imperador daquele ano, e que participam ativamente da festa.

A Festa do Divino tem origem em Portugal, mas a de Monte do Carmo difere de outras festas realizadas no Brasil, pela forte influência das missões dominicanas que foi decisiva na formação desta tradição: padres dominicanos percorreram o interior do antigo Norte Goiano, atual Tocantins, no final do século XIX e metade do século XX para a realização das desobrigas, atividades eclesiais e sociais, num processo de interseção e transação simbólica.

Durante a Festa do Divino, a cidade de Monte do Carmo se transforma num palco de ação teatral ampla e abrangente de cada indivíduo que a habita, ao ponto de tornar-se alvo da ação política de mobilização das grandes massas (DIAS, 1992). Ao mesmo tempo, se transforma na fonte da criação cultural e identitária, como o local de origem de certo caos e matriz de uma nova vitalidade e referência cultural em nível regional (SEVCENKO, 1992).

Monte do Carmo se constitui no espaço público que consente a ação política na contemporaneidade, e também como espaço simbólico da reprodução de diferentes concepções de cultura, da intersubjetividade que mobiliza sujeitos na produção dos

espaços cotidianos, entre eles, o território sagrado onde se realiza a Festa do Divino (SERPA, 2007).

FOLIÕES E FESTEIROS DO DIVINO

A festa do Divino se compõe de muitos elementos, símbolos e atores, que ditam a dinâmica do evento. Como símbolos, temos a bandeira, o conjunto das folias, os cânticos ou ladainhas e os louvores. Como atores, os foliões, o Imperador e a Imperatriz, o Capitão do Mastro.

A Folia do Divino, na pessoa do Alferes, carrega a bandeira vermelha com uma pomba branca, de pés e bicos vermelhos, que traz no seu bico um ramo verde. O ramo verde simboliza o alimento e a cor vermelha significa o amor e o ardor missionário para levar adiante a boa nova do reino de Deus. A pomba é o ícone do culto ao Divino que, para os cristãos, representando o Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade. Os moradores costumam pendurar fitas em cores distintas na bandeira, representando os sete dons do Espírito Santo.

De acordo com Messias (2010), a Bandeira do Divino Espírito Santo é portadora de bênçãos, e deve ser reverenciada de joelhos, com beijo e o sinal da cruz que, segundo os moradores, é o símbolo maior, fruto de herança religiosa, considerada instrumento de veneração e de profundo respeito, claramente observado pelas atitudes das pessoas que fazem reverência, tiram o chapéu e dobram o joelho para beijá-la, envolvendo-se em suas fitas.

O Imperador e a Imperatriz são os “donos” a festa, responsáveis pela sua realização, seja na coleta de ofertas, organização da Casa do Imperador, das comidas e bebidas oferecidas a população e pelos atos simbólicos e religiosos ao longo da festa. O Capitão do Mastro é o responsável pela ordem e bom andamento da festa e tem sua importância marcando o início e final da festa, com o levantamento e derrubada do mastro que tem ao alto a bandeira do divino.

A Folia é composta por um grupo de homens, os foliões, que, segundo a tradição, representam os doze apóstolos de Jesus Cristo, e é assim que a comunidade os vê. Os foliões são homens tementes a Deus, em estado de graça, tocam seus instrumentos, cantam e dançam com alegria. Esses mesmos homens carregam nos ombros e nos corações a maior parte da tradição e devoção, levando aos lares sertanejos a alegria e a congregação espiritual e tradicional. Levam aos devotos do sertão as bênçãos e os poderes do Divino Espírito Santo tendo também o propósito de recolher donativos para a realização dos festejos na cidade.

A folia é estruturada em funções: o alferes (o portador da bandeira, organizador da folia e responsável pela convocação dos foliões), despachante (responsável por toda dispensa da folia), violeiros (cerca de dois), caixeiros (cerca de dois), cantadores (de quatro a doze, que transmite as mensagens do divino ao fieis devotos através dos cânticos) e arrieiros (dois a três, responsáveis pela quadra dos donativos, das

bagagens e dos animais de transporte dos foliões)

Em Monte do Carmo existem duas Folias, a Folia de Cima e a Folia de Baixo. Moradores relataram que em tempos mais antigos, existiam três Folias, mas se reduziram a apenas duas.

A saída das Folias acontece no domingo de Páscoa, no final da tarde, após a reunião dos foliões e devotos na igreja local para receber as bênçãos da caminhada e fazer suas atribuições com fé, alegria e cuidado. O tempo do giro depende do calendário estabelecido para os Festejos, em julho, mas geralmente não ultrapassa de trinta dias. Ao sair da igreja, as duas Folias seguem para a praça central onde os devotos pedem as bênçãos as bandeiras e depois seguem para o seu giro, procurando o primeiro pouso.

Existe um ritual para o pouso das folias, marcado por cânticos e louvores acompanhados dos instrumentos musicais e bênçãos da bandeira. Existem cânticos para pedir licença para adentrar a casa, para louvor ao Divino, para agradecimento pelo alimento, entremeados por orações e, ao final, uma roda de musica para divertir, a dança da suça ou sucia.

Ao final dos giros, as duas folias adentram a cidade, uma de cada lado, recebidas com festa pelos moradores, e se encontram diante da igreja, fazendo saudações e vênias com as bandeiras, circulando, cada Folia, três vezes o templo religioso, uma no sentido horário e outra no sentido anti-horário. Neste momento, o Imperador, a Imperatriz e o Capitão do Mastro se preparam para receber as coletas e donativos arrecadados pelos foliões nos giros, fato que acontece com saudações e reverências as autoridades, sempre seguidos de cânticos e vênias, constituindo-se num ritual carregado de simbolismos.

À noite o cortejo do Imperador do ano anterior, seguido da Imperatriz, sai da Casa da Festa e em romaria, segue para a casa do Imperador e Imperatriz atuais e, lado a lado, os dois casais reais seguem para a igreja, onde o Imperador atual é coroado e inicia-se o seu reinado, com a função de organizar a s folias e a festa do ano seguinte. Após a coroação realiza-se uma missa e, em seguida, todos os participantes seguem para a Casa da Festa, onde são distribuídas comidas, bebidas e realiza-se a festa, com muita musica e dança que dura a noite inteira.

O Sentido-Significado do Festejo em Monte do Carmo

A festa do Divino Espírito Santo no Brasil, e nesse artigo, em Monte do Carmo, ganha importância no sentido de estabelecer uma relação de proximidade e vínculo territorial dos santos aos territórios ocupados num processo de territorialização da Igreja Católica e organizados sob a perspectiva do reino de Portugal.

Festas católicas populares como a do Divino se constituíram no contexto da mineração e das atividades agropastoris na ocupação do território e na organização de

uma cultura religiosa de comemorações aos santos e padroeiros (SILVA e D'ABADIA, 2014).

Uma divindade estabelecida pela Igreja Católica para cada município, organizadas em um calendário de eventos, levaram e levam inúmeras pessoas a se envolverem de forma direta e indireta com as festas comemorativas que homenageiam os santos de maneira geral e os padroeiros (SILVA e D'ABADIA, 2014).

Ao longo do tempo é comum que estas festas se apresentem ressignificadas, com nova importância e valor, como se verifica no sentido de espetáculo que a festa do Divino Espírito Santo de Monte do Carmo, que adquiriu contornos de um universo coletivo diversificado e não mais comunitário, com as imposições do mercado sobre as festas antigas, tendendo para o espetáculo.

Embora a festa siga na direção do espetáculo, a participação da comunidade ainda é muito grande e é ela mesma que constrói o espetáculo, estrutura e organiza cada etapa para que seja um espetáculo maior e melhor que o ano anterior. Essa parcela da comunidade é aquela que, efetivamente, praticava e pratica a festa e oferece a coletividade (conjunto de pessoas, não se trataria mais de comunidade), o que de melhor consegue realizar.

A festa que se funda na constituição de uma memória ressignificada nos dias atuais, mas ainda guardada no sentido simbólico, fato que permite aproximar a comunidade local e os elementos externos, seus frequentadores (SANTOS, 2008). Apesar destas transformações, as singularidades ou especificidades dos lugares e dos momentos da festa permitem a compreensão dos significados simbólicos e dos valores identitários (LOBO, 2006).

Esta festa se constitui num espaço de socialização e pertencimento dos moradores, dos organizadores, dos devotos e dos participantes, ou seja, é um elemento aglutinador de pessoas, sendo um espaço de múltiplas vivências e experiências do humano, agregando valores, tradições e elementos contemporâneos em cidades que participaram do ciclo de mineração do antigo norte goiano (SILVA e D'ABADIA, 2014).

CONSIDERAÇÕES

A festa religiosa popular do Divino Espírito Santo em Monte do Carmo, Tocantins, delimita as múltiplas espacialidades e, principalmente, determina o espaço simbólico da fé e da devoção. É este espaço religioso que permite a conservação das práticas religiosas que promovem a continuidade e reforçam os laços identitários dos participantes.

As territorialidades produzidas pela festa são vivenciadas por meio de experiências que se revelam com a ocorrência do sagrado, onde os participantes se permitem, em seus atos de devoção e fé, compartilhar de inúmeras revelações hierofânicas ao longo dos rituais e manifestações de fé.

As diferentes manifestações do sagrado ao longo da festa se dão através da

ritualística específica, como a elevação do mastro do Divino, com a bandeira no seu ponto mais alto simbolizando o início das comemorações e a sua derrubada, ao final do evento. Além disso, a bandeira, saudada e consagrada e todos os atos de devoção e fé a ele atribuídos e executados, o cortejo do casal imperial e a missa em devoção do Divino Espírito Santo são exemplos de momentos que permitem as manifestações do sagrado.

Mas a ligação espacial e territorial com a identidade religiosa se realiza com e a partir da festa religiosa através dos símbolos, das ações e dos sentimentos que a constituem, principalmente onde se praticam a devoção.

As observações realizadas durante a festa estudada indicam que o sagrado institui a manifestação do próprio espaço sagrado, onde a festa, seus símbolos, seus ritos e rituais e atos de devoção e fé se constituem como elementos capazes de reforçar a identidade territorial.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Thales de. **Problemas metodológicos da sociologia do catolicismo: Cultura e situação racial no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo; Perspectiva, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais**. Petrópolis: Vozes, 1981.

CANCLINI, Néstor Garcia. Introdução à edição de 2001. In: **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Hermenêutica e Narrativa (Prefácio). In: SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ELIADE, M. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

_____. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo. Martins Fontes, 1999.

GIL FILHO, S. F. **Espaço Sagrado; estudos em geografia da religião**. Curitiba, IBPEX, 2008.

IKEDA, Alberto Tsuyoshi; PELLEGRINI FILHO, Américo. Celebrações populares: do sagrado ao profano. In: **Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Ação Comunitária. Terra Paulista: Histórias, artes, costumes**, v. 3, Manifestações artísticas e celebrações populares no Estado de São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial; CENPEC, 2008.

LÔBO, Tereza Caroline. **A Singularidade de um Lugar Festivo: O Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Estudos Socio-Ambientais, UFG, Goiânia, 2006.

MESSIAS, Noeci C. **Religiosidade e devoção: as festas do divino e do rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO**. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, 2010.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Os Errantes do Novo Século: Um Estudo sobre o Surto Milenarista do Contestado**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. **A festa vai à cidade: uma etnografia da romaria do Divino Pai Eterno, Goiás**. [Texto originalmente publicado na revista *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 2002]. Núcleo de Antropologia Urbana da USP [online]. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. 2002. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/Nascimento1.html>>. Acessado em: 20/01/2019.

NORTON, W. **Cultural Geography: themes, concepts, analyses**. Oxford University Press. 2000
QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O Catolicismo Rústico no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo: Universidade, 1968.

RAMOS, T. M. de A.; MASSOQUIM, N. G.. As festas populares na dinâmica da paisagem de Icaraíma e a aplicação no ensino da geografia. **OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE**. Volume I, Versão *On-line*. Governo do Estado do Paraná. Secretaria de Estado de Educação. 2013.

ROSENDAHL, Z. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, I. E; CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z (orgs). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1997.

_____. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. 2ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

_____. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

SANCHIS, Pierre. Ainda Durkheim, ainda a religião. In: ROLIM, Francisco Cartaxo (org.). **A Religião numa sociedade em transformação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, R. J. Gaúchos e Mineiros do Cerrado: metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais. Uberlândia: EDUFU, 2008.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, A. A. V; D'ABDIA, M. I. V. A Geografia e o Sagrado: Festa de Nossa Senhora do Rosário em Goiás. **Ateliê Geográfico - Goiânia-GO**, v. 8, n. 3, p.198-214, dez/2014.

TERRA, Ana Carolina Lobo. Festas populares: simbolismo, trajetória e possibilidades na geografia cultural. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, Uberlandia, v. 1, n. 2, p. 211-227, jul./dec. 2010. p.13. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3638705.pdf>. Acesso em 09/01/2019.

SOBRE A ORGANIZADORA

DENISE PEREIRA: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.